

# CARÕ ME

uma experiência de desenho no pátio da escola

---

COLEÇÃO JÁ ME TRANSFORMEI EM IMAGEM

JOSÉ ALECRIM

Cegraf UFG



**Universidade Federal de Goiás**

Reitora

*Angelita Pereira de Lima*

Vice-Reitor

*Jesiel Freitas Carvalho*

Diretora do Cegraf UFG

*Maria Lucia Kons*

REVISTA  
**PIHHY**



**NTFSI**

**FCS**  
FACULDADE DE  
CIÊNCIAS SOCIAIS



**Lei de  
Incentivo  
à Cultura**  
Lei Rouanet

**MINISTÉRIO DA  
CULTURA**



# CARÕ ME

uma experiência de desenho no pátio da escola

---

**COLEÇÃO JÁ ME TRANSFORMEI EM IMAGEM**

**JOSÉ ALECRIM**

**Cegraf UFG**

**2024**



© Cegraf UFG, 2024

© José Alecrim, 2024

Capa, projeto gráfico e diagramação

*Bruno Oubam*

*Laryssa Tavares*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
GPT/BC/UFG**

A366 Alecrim, José.

Carõ me : uma experiência de desenho no pátio da escola  
[Ebook]. / José Alecrim. – Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). -  
Goiânia : Cegraf UFG, 2024.  
(Coleção já me transformei em imagem)

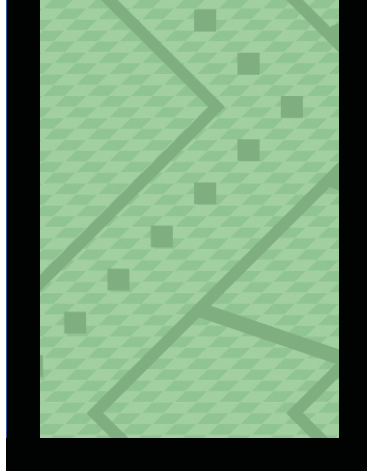
Inclui bibliografia

ISBN : 978-85-495-0912-3

1. Arte indígena - Educação. 3. Indígenas na arte. 3.  
Cosmologia indígena - Brasil. I. Título.

**CDU: 37:7(=1.81-82)**

Bibliotecário responsável: Enderson Medeiros / CRB: 2276



# **CARÕ<sup>1</sup> ME**

## **UMA EXPERIÊNCIA DE DESENHO NO PÁTIO DA ESCOLA**

*José Alecrim*

Figura 1 - Exposição Perfis Originários. José Alecrim e estudantes do Colégio Estadual Olga Mansur



Foto: Cassia Nunes. Acervo do autor.

Peço gentilmente licença para que eu, José Alecrim, me apresente, trazendo minha narrativa pessoal como indígena, artista, designer e arte educador.

1. Carõ significa desenho ou desenhar na língua Mehĩ.

Nesta conversa desejo compartilhar experiências, falar de meu processo de pertencimento como indígena e do acolhimento que recebo das/dos parentes indígenas, em especial Sinvaldo Wahua/Wahuka, do povo Iny-Karajá, e Creuza Prumkwyj, do povo Krahô.

Desejo falar sobre minha vivência na condição de estudante indígena no Estado de Goiás, tendo cursado o ensino regular na década de 1990, o ensino médio na década de 2000, o ensino superior a partir de 2010, e atualmente sendo pós-graduando no Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais na Faculdade de Artes Visuais - UFG.

Sou um indígena de origem Mehĩ-Canela, de uma família diaspórica que migrou do Maranhão na década de 1960. Esta migração foi provocada pelas frequentes e violentas invasões de fazendeiros nas aldeias da região, dos quais existem massacres relatados pela escrita *Cupẽ*<sup>2</sup> e aqueles que estão guardados na memória indígena.

Na época, minha família vivia na Aldeia Escalvado, conhecida também como Aldeia do Ponto, localizada nas proximidades de Barra do Corda-MA. Com as invasões, minha família foi dividida, uma parte desapareceu e a outra se deslocou por aldeias de povos vizinhos entre os Estados do Maranhão e Pará, partindo depois para a região norte de Goiás, hoje Tocantins, chegando em Xambioá - até o estouro de garimpos - e depois Gurupi, partindo na década de 1980 para o município de Aruanã-GO.

---

2. *Cupẽ* significa o não indígena na língua Mehĩ.

Neste último, estabeleceram sua morada, às margens do Córrego Garrafão, onde viveram da caça, pesca e do plantio de pequenas roças feitas pelo meu avô, que esporadicamente trabalhava no plantio para fazendeiros da região e assim conseguia outras formas de subsídio.

Como diz minha avó Geni, minha família sempre “margeou”, preferindo o distanciamento das cidades e também escondendo sua identidade indígena (muitas vezes por medo de serem identificados como “índios” e serem capturados para trabalho forçado, escravidão sexual ou até mesmo para a morte).

Ainda na década de 1980, meu avô Francisco conheceu algumas pessoas que residiam em Goiânia, e através delas, minha mãe Márcia e a minha tia Diacui chegaram à escola, sendo as primeiras da minha família que aprenderam a ler e a escrever.

Depois de alfabetizada, minha mãe iniciou um processo de busca dos parentes desaparecidos. Esta busca acontecia através de cartas enviadas para rádios e igrejas do Maranhão, pois no passado nesta região as pessoas eram registradas em igrejas e as rádios difundiam de maneira mais ampla notícias e recados.

No final da década de 1980 uma carta de minha mãe foi respondida. Esta carta indicava que uma pessoa teria sido levada por um fazendeiro para a cidade de Dom Pedro-MA; curiosamente as histórias que esta pessoa contava sobre sua chegada coincidiam com os relatos descritos pela minha mãe na carta. Com essa notícia, meu avô, dentro de

suas condições, organizou uma viagem, enviando minha mãe e minha avó ao destino.

Foi uma viagem difícil, de aproximadamente quatro dias. Encontraram uma senhora que correspondia à descrição da carta. Tratava-se de minha bisavó Maria, a única parente encontrada em mais de 20 anos de migração. Sua situação era precária, estava cega, pouco se alimentava e vivia numa condição análoga à escravidão, servindo a uma família. Em nossa intimidade, minha avó, junto a minha bisavó relembra aquelas pessoas, que haviam desaparecido, principalmente de seu irmão.

Eu, ainda hoje, busco por seu paradeiro e vestígios, na tentativa afetuosa de descobrir algo para minha avó, que hoje está com 92 anos. As duas sempre foram discretas e cuidadosas com a identidade indígena, não revelando para desconhecidos, se recolhendo e sempre analisando bem as situações, até evitando o uso da língua Mehĩ que aos poucos deixaram de falar.

Mesmo distante do território originário, minha família não perdeu sua identidade indígena; pelo contrário, "margeando" todas as dificuldades, afirmou-a ainda mais, resistiu, sobreviveu e com isso manteve sua ancestralidade. Meu nascimento se deu nesse processo diaspórico, aprendi da cultura e dos costumes com meus avós, com minha mãe, minha tia e com minha bisavó que ancestralizou aos 98 anos.

A educação ocupou um lugar especial em minha vida, muito além dos ambientes de ensino ou das instituições. Assim como nós, indígenas, vemos a natu-



reza como um ancestral, um ente querido, vejo a educação como uma amiga, que ajudou minha família no encontro dos desaparecidos. Através da educação e dos muitos parentes indígenas que me acolhem, tenho me aproximado cada vez mais dos saberes e da vida indígena e ajudado também outras pessoas.

Enquanto professor e artista, estudo o passado para desenvolver meu trabalho. Reflito sobre as representações artísticas, formadoras de concepções e estereótipos, em que as populações indígenas foram colocadas. Somos tratados apenas como “índios” um arquétipo distante da diversidade cultural que constituímos. Somos representados na Arte como pessoas subdesenvolvidas, facilmente manipuladas e enganadas pelos “heróis colonizadores”; estes, sim, foram iconograficamente construídos como figuras destemidas, inteligentes e “vencedoras”.

Figura 2 - Esquerda: Renascimento e Continuidade – 2022, direita: Vento



Artista: José Alecrim.

No passado recente, no mundo dos livros, nossa cultura e diversidade não era representada. Nestes materiais não éramos autores nem artistas. Hoje consigo identificar que a narrativa dos livros que chegavam até minha escola era uma visão eurocêntrica e colonizadora.

Naquele momento, eu, a criança indígena, estava na condição “subdesenvolvida” que o livro apontava, o que me fazia sentir uma sensação estranha, um desconforto. O livro divergia da luta e da sabedoria da minha família e eu me sentia diferente das outras crianças.

Na compreensão deste sentimento, Djamila Ribeiro no livro *Pequeno Manual Antirracista* ao lembrar do começo de sua vida na escola fala: “por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. Até então, no convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma” (RIBEIRO, 2019, p. 10).

A reflexão sobre passado, comportamentos e convívio social é necessária na sociedade e nos ambientes de ensino. Diversas práticas cotidianas naturalizadas são geracionais e ignoram a perspectiva do “outro”, provocando violências no modo de falar, no conteúdo das falas e nas ações.

Cito algumas expressões sobre as quais podemos nos educar para não reproduzir, e que você pode orientar outras pessoas, como: “Muito cacique para pouco índio” (minimizando o papel fundamental das lideranças indígenas), “Programa de índio” (fazendo insinuação sobre uma atividade

ruim, entediante ou negativa, minimizando as populações indígenas e a importância de seus encontros, festas e rituais), "Tabajara" (utilizando o nome de uma população indígena para insinuar que um produto é de má qualidade ou de origem duvidosa, trazendo conotações negativas ao nome).

A naturalização dessas violências foi e ainda é refletida nos currículos, chegando às escolas, aos educadores(as) e conseqüentemente aos estudantes. Buchmann (2014) apresenta a ideia de Arendt (2005) ao falar sobre a mediação que existe entre os ambientes de ensino, o mundo social e os ambientes culturais. Para a autora a escola seria um ambiente de ensaio entre o mundo privado e o mundo público, neste ambiente os/as estudantes poderiam ensaiar mediados por alguém que já viveu este velho mundo.

A perspectiva observada em Buchmann sobre os ambientes de ensino, reforça a necessidade de ações e projetos de educação antirracista, tanto no âmbito pedagógico quanto administrativo das instituições. Um ambiente de ensino acolhedor, inclusivo, com educadores/as que representam múltiplas vozes da sociedade, pode combater as práticas racistas do "mundo velho", formando estudantes que conseqüentemente convivam, apreciem e respeitem a diversidade.

O antigo dia do "índio", no calendário em 19 de abril, passava por celebrações muito confusas em minha época de criança, e muitas ainda são vistas nos dias de hoje, considerando o distanciamento

da comunidade escolar ao tema e equívocos presentes na sociedade. Uma atividade comum na celebração desta data, principalmente em minha época, era a caracterização de crianças.

Desejo descrever a primeira recordação que tenho desse dia na escola: começa com a fabricação de penas de papel, que no decorrer da ação eram posicionados na cabeça das crianças; uma pintura resumida em dois traços abaixo dos olhos era feita com tinta guache; logo em seguida uma "roda" era formada pela professora, conduzindo as crianças para uma dança, e sons de "uhhh, uhhh, uhhh" eram produzidos ao tapar rapidamente a boca com as mãos; o aparelho de som finaliza a ação, numa sequência com Xuxa, Mara Maravilha ou Grupo Carrapicho.

Minha infância e adolescência aconteceu na periferia de uma metrópole, em um local que na época era chamado de "nem", pois "nem Goiânia" e "nem Aparecida de Goiânia" desejavam assumir essa região como território. Dentre os motivos para essa repulsão estava o isolamento do local, distante mais de 20 km da região central de ambas as cidades, e a pobreza e marginalização das pessoas que se dirigiam para lá. Este complexo periférico foi dividido com a chegada da rodovia GO-040, e nele ficaram os bairros: Garavelo (Aparecida de Goiânia), Jardim Tropical (Aparecida de Goiânia), Garavelo B (Goiânia) e Jardim Caravelas (Goiânia) onde minha família passou a viver.

A presença de indígenas na periferia dos centros urbanos é notável, e este movimento quase sempre está associado às diásporas e diversos outros tipos

de migração, algo que é relatado, por exemplo, na história de Kaká Werá Jecupé, nos seus livros *A terra dos mil povos* (1998) e *Oré Awé Roirua Ma: Todas as vezes que dizemos adeus* (2002).

O autor, que é um dos precursores da literatura indígena no Brasil, relata em trechos destas duas obras o seu processo de descoberta como indígena vivendo na cidade, seu encontro com a ancestralidade, sua retomada com o povo Guarani em São Paulo, e com outros povos indígenas.

Em minha realidade quando criança, a comunidade escolar era composta por vizinhos de bairro. Desta forma, entre a convivência do dia a dia, muitos sabiam que minha família era de origem indígena. Nós éramos crianças, conhecíamos a palavra *Mehĩ* de uso natural em nossa casa, ou seja, não sabíamos o que era “índio”. Já as pessoas de nosso bairro percebiam as diferenças em nossos mais velhos, que eram chamados por alguns como “Maranhão” e por outros como “índios do Garavelo”.

Dentro da intimidade e do isolamento que minha família buscava, “margeando” o “Garavelo” e também Aruanã-Goiás – cidade onde meu avô ainda mantinha laços e onde estávamos com frequência – eram locais fundamentais. Na época, este bairro e sua vizinhança eram mitificados pelo povo como “atrasado”. Para nós, com certeza era “evoluído”, existiam córregos, chão de terra e pequenas matas, o que permitia caminhar e plantar, algo que fazia parte da vida cotidiana de minha família.

Pude partilhar dos ensinamentos e dos saberes/fazeres, acessar lembranças, desenhar com meus avós no chão, sentar no colo de minha bisavó Maria, conhecer histórias de Aldeia e ainda aprender as poucas palavras em Mehĩ que seu medo de ensinar me permitia.

Minha bisavó Maria não falava palavras da língua Mehĩ quando estava na presença de não indígenas ou de pessoas estranhas. Dentre suas dores, tanto por ser pega por fazendeiros, ter desaparecido e visto seus parentes morrerem, acreditava que era muito perigoso ser descoberta "índia". Minha avó Geni nos conta que sua avó Carmosina também partilhava do mesmo hábito e, de certa forma, as duas também nos traziam esta proteção e ficavam preocupadas.

Ainda me lembro do cheiro dos cachimbos às 6 horas da tarde e das rodas de conversa de minha avó Geni, minha bisavó Maria e meu avô Francisco. Hoje estou mais próximo de nossa língua através da parente Creuza Prumkwyj Krahô, que me acolheu neste processo.

Falar sobre minha experiência como estudante é fundamental para a compreensão do meu processo de formação artístico e de minha atividade como arte educador no Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte na SEDUC-GO, local onde atuo em frentes de letramento e educação antirracista, sendo um dos professores indígenas da rede estadual de ensino.

Ainda tenho enorme gratidão pela vivência com os parentes Iny-Karajá, junto com o meu grande amigo irmão Sinvaldo Wahua/Wahuka, que para

mim é muito afetuoso, pois cresci perto de seus territórios em Aruanã e sinto neste parente a figura de um irmão mais velho que me ensina, o que me faz materializar essa amizade também em meu desenho. Também tenho vivido o lugar de acolhimento e amizade como indígena próximo ao povo Tapuia do Carretão, e externalizo também a enorme gratidão à liderança Dra. Eunice Pirkodi Tapuia, Wellington Tapuia e toda comunidade que sempre me recebe em sua aldeia, me fazendo sentir em casa.

O processo de desenho que desenvolvo está fundamentado na desconstrução de estereótipos e na necessidade de expor a multidiversidade da visualidade indígena. Minha intenção nessa produção decolonial é nos afastar das imagens que criam a concepção de "índio", produzidas por não indígenas ao longo desses séculos de Brasil, sempre utilizadas para nos enquadrar em preconceitos, estereótipos ou no que se chama de "índio de verdade", em uma alusão a uma figura indígena idealizada, presa no passado, tida pelo não indígena como "inferior", apagando a contemporaneidade em que vivemos, nossa diversidade, saberes e epistemologias.

No Ciranda da Arte faço minhas circulações com a exposição arte educativa "Perfis Originários: Retratos a lápis de um Brasil ancestral", ação que se originou de minha vivência e pesquisa com a minha querida parente indígena Dra. Mirna Kambeba Omágua Yetê Anaquiri, que sempre me trouxe lugar de acolhimento, partilha como indígena, ensinamento, e me inspira e caminha junto na luta por uma educação antirracista.

Ao me deslocar de escola em escola com esta Galeria Itinerante faço a mediação e aproximação da comunidade escolar com a temática indígena, buscando por meio das conversas e da presença indígena, que toda comunidade, professoras/es, familiares, e a sociedade em geral partilhe do olhar para a diversidade, revendo posturas, hábitos, percebendo as identidades plurais e a memória coletiva.

Desejo também com esta produção que outras crianças e pessoas indígenas não passem por um lugar de estranhamento, com a intenção que a escola seja um ambiente que as acolha, aprenda com estas pessoas indígenas, não promova dores e apagamentos.

Figura 3 - Perfis Originários. Vila Cultural Cora Coralina, 2022



Artista: José Alecrim. Foto: Acervo do autor



A primeira circulação da exposição Perfis Originários ocorreu na Tenda Multiétnica, evento simultâneo à 23ª edição do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA). Nesta edição, estiveram presentes os povos Iny-Karajá, Avá-Canoeiro, Tapuia do Carretão, povos originários de Goiás e também de outros Estados como: A'uwẽ Uptabi-Xavante, Kariri-Xocó, Guarani-Kaiowá e Kaingang.

A obra com o título Vento, foi escolhida por Ailton Krenak e também pelo Júri do Festival como troféu do *prêmio especial Ailton Krenak: Filmes para adiar o fim do mundo*, lançado durante o FICA 2022.

Esta obra é um ensaio sobre como seria o rosto de um indígena Goya, também inspirada na figura do líder indígena Raoni Metuktire da etnia Kayapó. Na cerimônia, ela foi entregue ao líder indígena, escritor e ambientalista Ailton Krenak, que conferiu o prêmio ao 1º vencedor, o antropólogo documentarista Vincent Carelli pelo conjunto de sua obra.

Figura 4 - Vincent Carelli e Ailton Krenak com a obra "Vento" do artista indígena



José Alecrim. FICA 2022.

Figura 5 - José Alecrim e estudantes da Escola Estadual Gracinha de Lourdes



Foto: Artur Amaral. Acervo do Autor.

Figura 6 - Oficina de desenho com José Alecrim e crianças do Povo Tapuia do Carretão na Feira Literária do Vale do São Patrício. 2022



Foto: Aline Vilela Martins. Acervo do Autor.

Figura 7 - Memörtumre, 2023

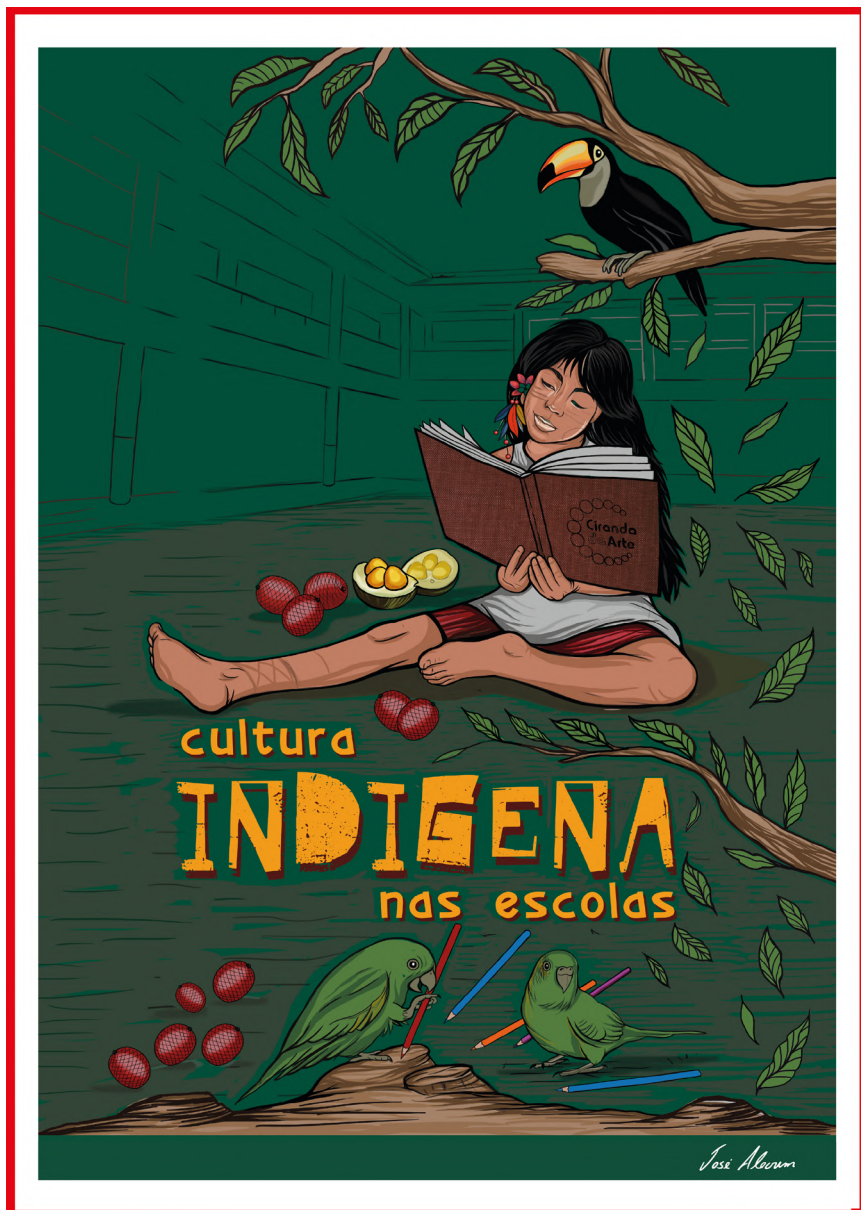


Figura 8 - Semente, 2023





Figura 9 - Cultura Indígena na Escola, 2022



Artista: José Alecrim.

Figura 10 - Minha Avó Geni Canela, Carvão sob papel



Artista: José Alecrim.

Figura 11 - Creuza Prumkwyj Krahô e José Alecrim. 2023



Artista: José Alecrim. Foto: Veronica Aldé

Figura 12 - Sinvaldo Wahua/Wahuka, José Alecrim, Povo Tapuia do Carretão. 2023



Foto: Ralyanara Freire.



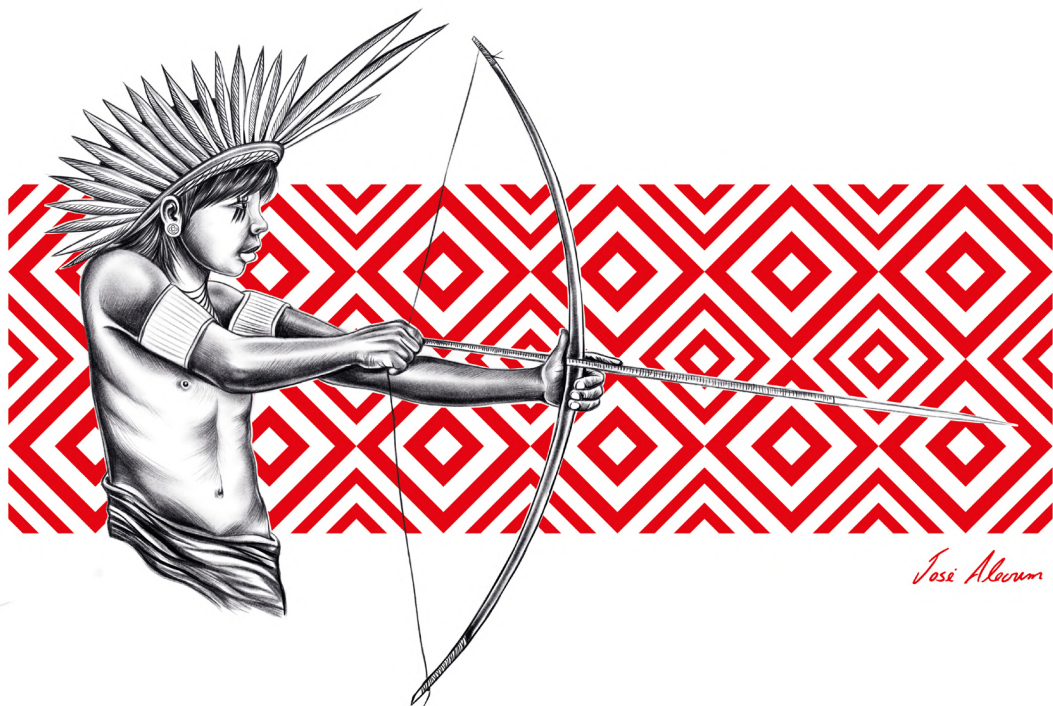
Figura 13 - Ramkokamekrá, 2023



Legenda: Lápis de cor sobre papel.  
Artista: José Alecrim



Figura 14 - Waxiwahate, 2023



Legenda: Lápis de cor sobre papel.  
Artista: José Alecrim

Figura 15 - Davi Kopenawa Yanomami



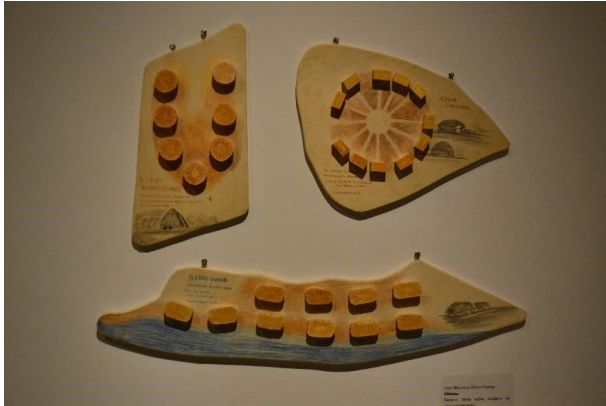
Ilustração para a tese de doutoramento de Fernanda Kaingang, 2023.

Legenda: Lápis de cor sobre papel.

Artista: José Alecrim



Figura 17 - Aldeias



Legenda: Lápis sob recorte de madeira.  
Artistas: José Alecrim e Gilmar Santos.

Figura 18 - Aldeias Retangulares



Legenda: Lápis sob recorte de madeira.  
Artistas: José Alecrim e Gilmar Santos.

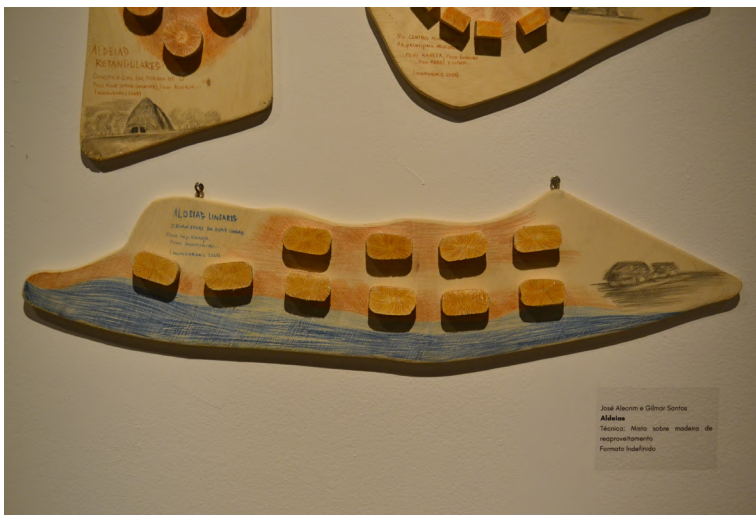


Figura 19 - Aldeias Circulares



Legenda: Lápiz sob recorte de madeira.  
Artistas: José Alecrim e Gilmar Santos.

Figura 20 - Aldeias Lineares



Legenda: Lápiz sob recorte de madeira.  
Artistas: José Alecrim e Gilmar Santos.

Figura 21 - Abertura da Exposição Bancos Indígenas do Brasil.  
Ano 2024



Legenda: José Alecrim, Ariel Nunes, Karin Juruna, Tukura Assurini,  
Rael Xakoiapari Tapirapé, Uruhu Mehinako, Waxamani Mehinako e  
Kulikyda Mehinako.

Foto: Acervo do autor.

Figura 22 - Aquarela de José Alecrim, 2016



Acervo do autor.

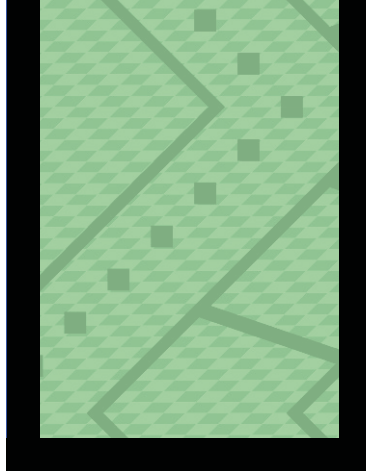


Figura 23 - Aquarela de José Alecrim, 2016



Acervo do autor.





## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. 2005. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspetiva.

BUCHMANN, Luciano Parreira. **Escolares nos museus: Ensaio do novo público como ato político de educadores intelectuais**, MIDAS [Online], 2014, posto online no dia 09 junho 2014, consultado no dia 04 maio 2019. URL: <http://journals.openedition.org/midas/463> ; DOI : 10.4000/midas.463

JECUPÉ, Kaka Werá. **A terra dos mil povos: História indígena do Brasil contado por um índio**. Ilustrações: Taisa Borges. 2ª Edição. São Paulo: Peirópolis, 2020.

JECUPÉ, Kaká Werá. **Oré Awé Roiru'a Ma: Todas as Vezes que Dissemos Adeus**. São Paulo: TRIOM, 2002.

## **SOBRE O E-BOOK**

---

Tipografia: Segoe UI, Tzimmes

Publicação: Cegraf UFG

Câmpus Samambaia,  
Goiânia-Goiás. Brasil.  
CEP 74690-900

Fone: (62) 3521-1358  
<https://cegraf.ufg.br>

---